A praça e o parlamento: sobre o suicídio e a emancipação humana em Marx

MÁRCIA MALCHER DOS SANTOS*

Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre a sociabilidade capitalista contemporânea a partir da perspectiva marxista de objetivação e subjetivação do ser social. Propõe-se um diálogo com o texto Sobre o suicídio, de Karl Marx, a partir de um caso específico, a morte do aposentado grego Dimitris Chrisloulas em 2012. Busca-se ampliar a reflexão acerca das condições que dizem respeito não apenas a realidade objetiva, mas também, e ao mesmo tempo, à subjetivação, ao mundo interior do sujeito cindido.

Palavras-chave: Grécia; Estado; propriedade privada; ser genérico; trabalho.

Abstract

This article reflects about the contemporary capitalist sociability from the Marxist perspective of objectivity and subjectivity of the social being. We propose a dialogue with the text Marx on Suicide, from a specific case, the death of retired Greek national Dimitris Chrisloulas in 2012. We seek to broaden thinking about the conditions that concern not only the objective reality, but also and at the same time, the subjectivity, the inner world of the divided human being.

Key words: Greece; State; private property; generic being; work.

* **MÁRCIA MALCHER DOS SANTOS** é mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Praça Syntagma, após a morte do aposentado grego Dimitris Christoulas
Foto de Thanassis Stavrakis/The Guardian

1. Diante do parlamento, na praça Syntagma.

Naquela quarta-feira de fevereiro de 2012, o aposentado Dimitris Christoulas, de 77 anos, após colocar um bilhete em um dos bolsos, saiu de casa. O farmacêutico aposentado pegou o metrô em direção à praça Syntagma, um dos pontos mais conhecidos e visitados por turistas em Atenas, Grécia. A mesma que fica próxima ao parlamento grego, rodeada por edifícios imponentes, hotéis de luxo, empresas e onde também está o túmulo do soldado desconhecido. Dimitris Christoulas escolheu uma das árvores da praça e de pé sob a grama sacou da arma que havia trazido consigo. Testemunhas dizem que ele teria gritado "não quero deixar dívidas aos meus filhos!" antes de desferir o tiro contra a cabeça.

Autoridades que retiraram seu corpo estirado da praça Syntagma encontraram em um de seus bolsos o bilhete escrito à mão:

> O governo de Tsolakoglou acabou com a possibilidade de eu poder sobreviver com uma pensão digna, que paguei sozinho durante 35 anos sem nenhuma ajuda do Estado. E, sendo que a minha idade avançada não me permite reagir de forma dinâmica (embora se um colega grego pegasse uma Kalashnikov, eu estaria bem atrás dele), não vejo outra solução senão pôr, de forma digna, fim à minha vida, para que eu não me veja obrigado a revirar o lixo para assegurar o meu sustento. Eu acredito que os jovens sem futuro um dia vão pegar em armas e pendurar os traidores deste país na praça Syntagma, assim como os italianos fizeram com Mussolini em 1945.

Christoulas compara o governo grego à época de sua morte com o governo de Tsolakoglou, primeiro ministro que em 1941 permitiu a entrada das forças nazistas na Grécia. Isso porque devido às pressões da Alemanha – na figura de Angela Merkel – a Grécia aceitou a ajuda financeira do Fundo Monetário

Internacional (FMI), bem como os termos impostos pela *troika* (a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o FMI) em adotar medidas de austeridade - cortes de 25% dos valores das pensões e de serviços sociais, reduções de salários, aumento de impostos e demissões de funcionários públicos, dentre outros – sob a pretensão de reestabelecer o país da crise financeira e mantê-lo na União Européia.

Dimitris Christoulas não foi o único a cometer suicídio na Grécia nesse período de acirramento da crise econômica. As notícias sobre sua morte trazem dados de que a taxa de suicídio no país cresceu 18% desde 2010, sendo que o aumento é de 25% apenas em Atenas. No entanto, a morte pública de Christoulas gerou um protesto de milhares de pessoas na praça Syntagma com o slogan: "Isto não é um suicídio. Isto é um crime". Protesto este que foi duramente reprimido pela polícia grega.

Após eleições no país e ainda sob o forte impacto dos cortes orçamentários e sociais que permanecem, a Grécia também vive um momento de mobilidade por parte da população. O protesto gerado após o suicídio de Christoulas foi um dentre muitos outros que acontecem na Grécia desde o início da recessão, e permanecem. A situação grega se mantém aberta, ainda uma incógnita da história.

A morte do aposentado Dimitris Christoulas, em sua expressão sensível, na sua especificidade, também nos fala da situação do capitalismo contemporâneo de uma forma mais ampliada, ou ainda, da economia política do estado moderno em tons tardios, cujos braços se estendem em todos os âmbitos da vida social (convencionados na divisão em vida pública, vida privada e/ou subjetiva). Tais cisões – público, privado, subjetivo – por si só, fazem parte mesmo do nascimento e manutenção do Estado político, erigido sob o antagonismo (hoje revigorado simultaneamente, tanto objetiva como teoricamente e/ou culturalmente)[1] existente entre sociedade civil e Estado.

O texto pouco conhecido de Marx *Sobre o Suicídio* (1846), no qual ele escreve em uma espécie de "co-autoria" com as memórias de Jacques Peuchet, um ex-arquivista policial que, diante dos casos a que teve contato, interessou-se pelas causas do suicídio, analisando os comportamentos humanos e os sintomas degradantes da sociedade francesa. Vale ressaltar que o texto é uma crítica radical de Marx/Peuchet contra a tirania familiar e às modernas relações da família burguesa, fundada na opressão masculina (três dos quatro casos mencionados no texto se referem a mulheres que foram vítimas desse tipo de poder arbitrário).

> Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um

[1] Aqui me refiro tanto ao mercado econômico global e mercado de bens simbólicos de modo geral como ao chamado pós-modernismo, seja como mediação da lógica cultural (JAMESON, 1996) ou expressão filosófica do final da década de 1960. Acreditamos que a ênfase na diferença, nas identidades particulares e variadas, encampadas pelos pós-modernistas, decorre em uma implicação política explícita de contraposição a possibilidade de uma emancipação humana geral. E que "a insistência pós-modernista em que a realidade é fragmentária e, portanto, acessível apenas a "conhecimentos" fragmentários" é desarrazoada e incapacitante. A realidade social do capitalismo é "totalizante" em formas e graus sem precedentes. (...) E entender esse sistema "totalizante" requer exatamente o tipo de "conhecimento totalizante" que o marxismo oferece e os pós-modernistas rejeitam" (WOOD, 1999, p.19).

> desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens (MARX, 2006, p. 28).

Neste artigo, pretende-se problematizar esse tipo de sociedade da qual questiona Marx, através de uma reflexão a partir do suicídio do aposentado grego, Dimitris Christoulas. Que sociedade é esta/ que fatores são esses capazes de ferir a carne e o espírito, de retirar ao trabalhador– e, ainda mais, de um aposentado cuja vida foi dedicada ao trabalho – a própria vida?

Pretendemos, pois, contribuir com a crítica social que pressupõe o sujeito como um todo orgânico e múltiplo - em vista de uma percepção da teoria marxista que fuja às concepções mecanicistas e economicistas - a partir da discussão sobre o sujeito cindido, estranhado, em suas concepções várias, desde em relação à comunidade política até do estranhamento consigo próprio. Enfim, uma perspectiva que encare o sujeito social em suas relações de objetivação e subjetivação, tendo como horizonte último, a emancipação humana do *ser genérico*.

2. Sobre a dupla existência

Na atualidade, a liberdade política não passa senão de uma liberdade estreita, restrita. A divisão entre sociedade civil e Estado traz em si outra oposição fundamental: da não equivalência entre emancipação política e emancipação humana. No Estado, o homem é transformado em cidadão abstrato, tido como participante de uma comunidade política, a qual se lhe apresenta de forma ilusória. Já na sociedade civil é conferido ao homem o lugar do egoísmo, uma verdadeira arena de conflitos de interesses privados e também aqui, na sua existência individual, o homem surge como uma ilusão. Ou seja, o homem emancipado politicamente *ainda não é* o homem verdadeiramente livre.

O Estado, todavia, exprime a sua dependência ontológica em relação à sociedade civil. O que caracteriza o homem na comunidade política e determina sua existência abstrata é o espírito presente na sociedade civil, do *bellum omnium contra omnes*. A propriedade privada, a concorrência, a economia política encontra na vida civil o seu pressuposto, bem como o Estado a sua afirmação:

> Assim, nenhum dos supostos direitos do homem vai além do homem egoísta, do homem enquanto membro da sociedade civil; quer dizer, enquanto indivíduo separado da comunidade, confinado a si próprio, ao seu interesse privado e ao seu capricho pessoal. O homem está longe de, nos direitos do homem, ser considerado como um ser genérico; pelo contrário, a própria vida genérica – a sociedade – surge como sistema externo ao indivíduo, como limitação da sua independência original. O único laço que os une é a necessidade natural, a carência e o interesse privado, a preservação da sua propriedade e das suas pessoas egoístas. (MARX, 1989, p.25).

A esfera onde o homem atua como ser coletivo é, por isso, dependente, rebaixada a que ele atua como ser parcial. Dessa forma, a liberdade individual se torna uma obstrução ao invés de uma realização quando pensamos a relação dos homens entre si. Ou seja, "o homem leva uma dupla existência – celeste e terrestre, não só no pensamento, na consciência, mas também na *realidade*, na *vida*" (MARX, 1989, p.13). Vive na comunidade

imaginária, como cidadão abstrato; e na sociedade civil, como indivíduo privado, egoísta, alienado, perdido de si mesmo.

O fato é que a contradição que o homem se encontra em relação a essa dupla existência, separado que está da sua comunidade, de si próprio e dos outros homens é "apenas *uma parte* da universal *contradição secular entre* o *Estado político e a sociedade civil*" (MARX, 1989, p.20). Portanto,

> A emancipação humana só será plena quando o homem real e individual tiver em si o cidadão abstracto; quando como homem individual, na sua vida empírica, no trabalho e nas suas relações individuais, se tiver tornado um *ser genérico*; e quando tiver reconhecido e organizado as suas próprias forças (*forces propres*) como forças *sociais*, de maneira a nunca mais separar de si esta força social como força *política*. (MARX, 1989, p.30).

O ser genérico do homem se realiza quando este se apropria do seu gênero humano, "quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser *universal*, [e] por isso livre" (MARX, 2010b, p.83-84). O trabalho é definido por Marx como a *atividade vital*, como vida genérica, pois a atividade consciente e livre é o caráter genérico do homem. Estando, pois, o homem alienado do seu ser genérico equivale a dizer que os homens estão estranhados entre si, bem como da sua essência humana. E é exatamente no trabalho que a alienação do homem – com o seu próprio gênero, a partir de uma perspectiva ontológica - se evidencia em seu caráter específico, do estranhamento do trabalhador em relação tanto ao produto do seu trabalho como à sua própria atividade.

No capitalismo, a natureza, entendida como meio de vida e meio de subsistência para o trabalhador, é transformada em *capital*, em *valor de troca*, *mercadoria*. Isso significa que a sua reprodução passa a ser condicionada à mediação da mercadoria, do dinheiro. Nessa mediação, a fim de se determinar nas condições de produção - já não mais naturais, mas transformadas historicamente em capital - o próprio homem se determina como *mercadoria força de trabalho* (SILVEIRA, 1989, p.44). O trabalho, então, de atividade vital, engendradora de vida, acaba se tornando uma atividade exterior e estranha ao trabalhador.

A pobreza do trabalhador é equivalente à riqueza que ele produz. O trabalhador é coisificado à medida mesma em que os produtos do seu trabalho, as mercadorias, são humanizadas. E se o estranhamento está presente na relação com o produto do trabalho, também está em relação à própria atividade, no ato da produção. Dessa forma, o trabalho não pertence ao *ser* do homem, não é meio para sua efetivação, mas sim funciona como uma tortura, atividade em que o homem se sente infeliz, na qual mortifica o corpo e arruína o espírito.

3. O sentido do *ter*

O trabalho que se apresenta estranho ao trabalhador tem como sua contraface a propriedade privada, que é a consequência necessária dessa exteriorização. "A *propriedade privada* resulta, portanto, por análise, do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de vida estranhada, de homem *estranhado*" (MARX, 2010b, p.87). Neste ponto, o trecho do conto *Kholstomér – A história de um cavalo*, de Leon Tolstoi, transcrito a seguir, questiona e reflete de maneira alegórica

o significado da coisificação das relações sociais, da transformação da natureza em mercadoria e da hegemonia do sentido do *ter* na sociabilidade capitalista (o que será discutido mais adiante). No conto, é o cavalo *Kholstomér* o narrador de seus próprios pensamentos:

> «Aquilo que dizia respeito ao chicote e à religião, tinha-o compreendido muito bem, mas o que me parecia então obscuro era a expressão «o seu potro»: os homens estabeleciam, pois, um certo elo entre mim e o dono da estrebaria. Mas eu não conseguia compreender em que é que consistia esse elo. Só o compreendi muito mais tarde quando me separaram dos outros cavalos. Mas então eu não percebia como podiam considerar-me, a mim, a propriedade de um homem. As palavras «o meu cavalo» diziam-me respeito, a um cavalo vivo, e parecia-me tão estranho como as palavras «a minha terra», «o meu ar», «a minha água».
>
> «Mas estas palavras tinham-se produzido uma profunda impressão. Eu não deixava de refletir nelas. (...) Essas palavras que consideram muito importantes são *meu*, *minha*, *meus*, *minhas*. Aplicam-nas aos seres, aos objetos, até à terra, aos homens, aos cavalos. E convencionaram entre si que um mesmo objeto só podia ser chamado «meu» por uma única pessoa. E aquele que, segundo este jogo, diz «meu» a respeito do maior número de objetos possível, é considerado como o mais feliz. Por que é assim? Ignoro-o, mas é assim. Outrora eu pensava que isso estava ligado a alguma vantagem direta, mas enganava-me.
>
> «[...] O homem diz: «a minha casa»; e contudo não habita nela e contenta-se com construí-la e mantê-la. O vendedor diz «a minha loja», «a minha loja de modas»; ora, ele próprio não veste o pano de boa qualidade que tem na sua loja.
>
> «Há homens que chamam a algumas mulheres «a minha mulher», a «minha esposa»; ora, acontece que estas mulheres vivem com outros homens. A finalidade dos humanos não consiste em cumprir o que eles consideram bem, mas em chamar «meu» ao maior número possível de objetos.
>
> «Estou actualmente persuadido de que é nisso que reside a diferença essencial entre os homens e nós. Por isso, sem mesmo ter em conta outras superioridades nossas em relação aos homens, só isso permite-nos declarar com ousadia que na escala dos seres vivos nós ocupamos um escalão mais elevado do que os homens. A actividade dos homens, pelo menos daqueles com quem estive em contato, é determinado por palavras, enquanto a nossa é determinada por factos» (TOLSTOI, 1960, apud CHKLOVSKI, 1999, p. 83-85).

Além de afirmar que a propriedade privada é a expressão material-sensível da vida humana estranhada, Marx diz que o seu movimento – produção e consumo – é a manifestação de toda a produção, realização do homem historicamente. "Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc., são apenas formas *particulares* da produção e caem sob a sua lei geral" (MARX, 2010b, p.106). Ou seja, a suprassunção positiva da *propriedade privada* corresponde a suprassunção positiva do estranhamento e, por isso, ao retorno do homem à sua existência humana, social. No entanto, Marx ressalta que essa apropriação da essência e da vida humana, da produção humana para e pelo homem não pode ser apreendida de forma unilateral, no sentido do *ter*, da posse, pois:

> Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade (...) são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana* (...) (por isso ela é precisamente tão multíplice quanto multíplices são as determinações essenciais e atividades humanas), *eficiência* humana e *sofrimento* humano. (MARX, 2010b, p.108).

É aqui que o conto de Tolstoi, através do pensamento do cavalo-narrador - a partir da sua própria posição de estranhamento do sentido do possuir/ter do homem, cuja finalidade, para Kholstomér, resume-se na ilogicidade de chamar 'meu' ao maior número de coisas – exemplifica outro aspecto ressaltado por Marx, do sentido do *ter* como o sentido exclusivo/uniforme e de obstrução dos demais sentidos humanos.

"O lugar *de todos* os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do *ter*" (MARX, 2010b, p. 108). Ou seja, está no cerne da emancipação humana a emancipação dos próprios sentidos e qualidades humanas. Dessa forma, Marx ressalta o caráter histórico dos sentidos humanos. "Isto significa que a subjetividade – e os sentidos que a ela correspondem – não é pensada como sendo posta *naturalmente*, como uma essência interior, mas ao contrário, ela se constitui na e pela prática" (SILVEIRA, 1989, p.46).

O cavalo Kholstomér ao notar que o homem embasa a sua relação homem/natureza e homem/homem por meio desse sentido exclusivo do ter, expressado pela propriedade privada, conclui que os cavalos são, por fim, superiores aos homens. O conto traz uma narrativa inversa da comparação que o próprio Marx faz entre homens e animais. Ora, para Marx, a desefetivação humana e o estranhamento de sua própria essência – que atinge tanto o físico como o espírito do trabalhador – restringem a complexidade de suas múltiplas determinações e tornam a sua manutenção enquanto ser objetivo como o fim único de sua existência. O homem trabalha a fim de suprir suas carências mais básicas, animais. Tornando-se ele mesmo um animal desprovido do caráter histórico que constitui o seu ser. "O animal se torna humano, e o humano, animal" (MARX, 2010b, p.83).

Esse *ter* em detrimento do *ser*. Essa necessidade de chamar *meu* ao maior número de objetos está ligada à concepção capitalista de riqueza. Riqueza esta a que Marx se contrapõe designando que, para ele, o homem na plena riqueza do seu ser é o homem profundamente dotado de todos os seus sentidos e ao mesmo tempo "*carente* de uma totalidade de exteriorização de vida humana, o homem no qual sua própria efetivação existe como necessidade interna, como carência". (MARX apud SILVEIRA, 1989, p.48).

A concepção capitalista de riqueza, por sua vez, se compraz ao objeto que significa a possessão: o dinheiro. É ele "o *alcoviteiro* entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem" (MARX, 2010b, p.157). Ou seja, o dinheiro é o universal que se coloca entre o homem consigo mesmo e entre o homem e o mundo social. É dele a qualidade do facilitar ou dificultar a posse. O *meu* é a própria expressão do dinheiro/capital e o dinheiro se torna a

expressão das qualidades do indivíduo que o possui.

5. O protesto

A morte de Dimitris Christoulas, 77 anos, na praça Syntagma, sem dúvida, reitera a concepção de Marx de que o suicídio não é algo antinatural e que, ao contrário, "está na natureza da nossa sociedade gerar muitos suicídios" (MARX, 2006, p.25). É também um exemplo sensível da atualidade do pensamento marxista, em vista de uma emancipação humana e de efetivação do ser genérico.

O sujeito cindindo, base da sociabilidade e economia capitalista, encontra na atualidade – regrada pelo capital financeiro, sedimentada na política neoliberal, representada por corporações político-econômicas – a sua correspondência tardia. A atitude de Christoulas (e de outros trabalhadores gregos desempregados) sintetiza brutalmente o empobrecimento do trabalhador na sociabilidade contemporânea. Isso porque, para Marx, o empobrecimento do trabalhador enquanto mercadoria não se esgota na pobreza estritamente material, mas também, ao mesmo tempo, recai no que se refere ao seu mundo interior, ao nível de interiorização/subjetivação da divisão do ser social, da obstrução de realização de si próprio, do estranhamento *de si* para *si*. Christoulas – como o trabalhador de uma forma geral – só existe para si à medida mesma que existe para o capital. A partir do momento em que passa a não ser reconhecido enquanto trabalhador, também passa a não ser reconhecido enquanto homem. E disso depende a sua própria vida e existência objetiva:

> Tão logo aconteça ao capital – ocorrência necessária ou arbitrária – não mais existir para o trabalhador, o trabalhador mesmo não é mais para si; ele não tem *nenhum* trabalho e, por causa disto, *nenhum* salário. E, aí, ele tem existência não *enquanto homem*, mas *enquanto trabalhador*, podendo deixar-se enterrar, morrer de fome etc. O trabalhador só é, enquanto trabalhador, assim que é *para* si como capital, e só é, como capital, assim que um *capital* é *para ele*. A existência do capital é *sua* existência, sua *vida*, tal como determina o conteúdo da sua vida de um modo indiferente a ele. (MARX, 2010a, p. 91).

Uma vez aposentado, afetado diretamente pelas medidas de austeridade, considerado fora das relações de trabalho (assim como muitos desempregados gregos), Dimitris Christoulas, na verdade, já é considerado 'morto', "podendo deixar-se enterrar, morrer de fome, etc.". Isso porque é o capital que determina a sua vida. E ao capital as carências do trabalhador se resumem apenas em conservá-lo *durante o trabalho*. O suicídio de Christoulas é uma recusa a revirar o lixo para manter o seu sustento, é a recusa em 'deixar-se enterrar'. Mais do que isso, é uma recusa a uma existência inautêntica, negada, parcial.

O bilhete do aposentado que faz referência à luta armada prevê uma atitude que sintetiza o anseio por uma transformação radical. Seja a atitude solitária de Christoulas na praça Syntagma, seja o protesto que a sua morte estimulou, sejam os demais protestos e greves gerais que continuam a acontecer na Grécia[2], todas essas manifestações de trabalhadores diante

[2] A primeira greve geral de trabalhadores na Grécia em 2013 reuniu 60 mil pessoas nas ruas. Ver: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,nova-greve-mobiliza-60-mil-pessoas-na-grecia-,999588,0.htm

da perda efetiva de direitos sociais, expressam o seu caráter de totalidade, porque é um protesto do "homem contra a vida desumanizada, porque parte do ponto de vista do individuo singular real, porque a comunidade, contra cuja separação o individuo reage, é a verdadeira comunidade do homem, é a essência humana" (MARX, 2010b, p.76). É a reação à separação da comunidade humana, da qual o trabalhador é apartado pelo seu trabalho. É o protesto por vida, vida física e espiritual.

Referências

CHKLOVSKI, V. A arte como processo. In: TODOROV, T. (Org.) *Teoria da literatura I*: Formalistas russos. Lisboa, Edições 70, 1999, p.73-96.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio, São Paulo, Ática, 1996.

MARX, Karl. *A Questão Judaica*. Lusosofia. Tradução de Artur Morão. 1989. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/marx_questao_judaica.pdf. Acessado em: 27 de fevereiro. 2013.

_____. *Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social: de um prussiano*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a. 80p.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos; tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. 4 ed. São Paulo: Boitempo, 2010b.

_____. Sobre o suicídio; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

SILVEIRA, Paulo. Da Alienação ao Fetichismo – formas de subjetivação e de objetivação. In: *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. Paulo Silveira e Bernard Doray (org.). Editora Revista dos Tribunais. São Paulo: Vértice, 1989.

WOOD, Ellen Meiksins. O que é a "agenda pós-moderna"?, In: *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.7-22.

Sites:

Dimitris Christoulas e o legado de seu suicídio para a Grécia. Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/dimitris-christoulas-e-o-legado-de-seu-suicidio-para-a-grecia/>. Acessado em: 21 de fevereiro. 2013.

O emblemático suicídio de Dimitris Christoulas na Grécia. Disponível em: <http://umhistoriador.wordpress.com/2012/04/05/o-emblematico-suicidio-de-dimitris-christoulas-na-grecia/>. Acessado em: 21 de fevereiro. 2013.

Nova greve mobiliza 60 mil pessoas na Grécia. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,nova-greve-mobiliza-60-mil-pessoas-na-grecia-,999588,0.htm>. Acessado em: 21 de fevereiro. 2013.

Recebido em 2013-05-21
Publicado em 2013-08-05